

Há nos teus olhos em tristeza imersos
claros indícios dessa ansiedade
com que alimentas em teus pobres versos
sonhos incríveis de imortalidade.

Quanto a mim, trago os olhos absterços
de ânsias inúteis de notoriedade
porque, infenso a valores controversos,
nunca descuido da realidade.

Tens sonhos grandes, pois, e eu sonhos parcos,
cada dia ancoramos nossos barcos
longe um do outro, em diferentes portos.

Sim, nada temos em comum, amigo,
e se teus versos morrerão contigo,
os meus, coitados, já nascerão mortos.

Pereira de Albuquerque, Soneto Apofático.

As almas de muita gente
são como o rio profundo:
— A face tão transparente
e quanto lodo no fundo!...

Belmiro *Ferreira* Braga
1872-1937
1307, javier@gmail.com
1308, www.falandometro.com.br

Colheitas áruas, mas belas!
Vindimas fartas na serra...
Luzes, bênçãos, nas capelas,
aos vinhateiros da terra!

Amália Marie Gerda Bornheim

Lembrar-te-ão sempre os ventos que cantaste,
quando, à tarde, soprarão com gemido,
cada vez, por haverem presentido
que as esquinas do tempo já dobraste.

Na barca dos sentidos embarcaste,
livrando-te de assim ser perseguido
por corvos de alumínio e seu ruído:
és a eles um sinal fiel de contraste.

Foste, mas ficarás em teus poemas,
criados com um linguajar de puras gemas
e em espectros de alpendre e de espantalho.

Com a arte a transbordar na essência o humano,
ficarás, constituindo um fundo oceano
e tendo a fortaleza de um carvalho.

Linhars Filho, Adeus a Francisco Carvalho.

Binóculo 1307
ivonildodias@secrel.com.br / jbatista@unifor.br

Fico olhando o teu aprumo.
És linda e jovem demais...
E eu sou um barco sem rumo,
sem mais direito ao teu cais.

Humberto Del Maestro, 1306 Lit.&
Arte, Rua Aurora A. Ferreira 171,
Ap 702: 29090-310 – Vitória, ES

Bebe o imigrante em verdade
um pouquinho em cada fonte:
de lá – de baixo de saudade;
daqui – de um novo horizonte!

Dilva Maria de Moraes

Quando a saudade provoca,
tudo o que é chato acontece:
o telefone não toca
nem o carteiro aparece...

João Batista Serra 1010,
O Patusco: Caixa Postal 95
61600-970 – Caucaia/CE

A mão do vento, galante,
que dedilha o parreiral,
narra o valor do Imigrante
na cultura nacional.

Elen de Novais Felix

Na verdade é o amor que sobressai,
no amor é a verdade que domina,
o espírito é poesia que fascina,
mas a letra é poema que se esvai.

Ninguém pode enxergar quem entra ou sai,
quem canta em alta voz ou em surdina,
o sopro é livre, nunca se confina,
a porta é larga e o vento vem e vai.

É claro que não há outra clareza
além do sol de Deus e da beleza
e do arco-íris que a aliança traz.

O certo é nunca ter outra certeza
além do pão e vinho sobre a mesa,
além da porta aberta para a paz.

Horácio Dídimo, A Porta.

Nunca consigo a proeza
de uma bola no buraco!
Será defeito da mesa,
ou defeito do meu taco?

Josafá Sobreira da Silva 1101,
Trovia, alkalu77@gmail.com; visite:
www.falandodetrova.com.br

O imigrante pequenino
com seu labor estafante,
é parceiro do destino
formando o Brasil gigante...

João Paulo Ouverney

Sozinha, à noite, em meu leito,
na insônia atroz que me invade,
um pranto explode em meu peito
somando mágoa e saudade...

Marina Bruna 1109, A Voz
da Poesia: Rua dos Bogaris 183
04047-020 – São Paulo/SP

Vinho e uva de montão
morro abaixo, morro acima.
Não estranhe, amigo, não.
É a Festa da Vindima.

Jussara C. Godinho

Eis, que a balança, das leis,
não é noviça, é vetusta;
pois, com perversa, dubiez,
é pernicioso, e injusta...

Pedro Grilo 1109, Trinos
do Ptiuguar: R. Guanabara 542
59014-180 – Natal/RN

Dos imigrantes, com brios,
às terras ocidentais,
os corpos vão em navios
e as almas deixam nos cais.

Miguel Russowsky

SELEÇÕES EM FOLHA

Ano XVII, Nº 09 – 2013 SETEMBRO
Assinatura até 31.12.14: 15 selos postais de 1º Porte Nacional
Não comercial (R\$ 0,80) ou informe seu e-mail para remessa mensal grátis.

Delicie-se com obras mestras de Contos e Poesias!

☀ www.haicu.sf.nom.br ☀

Para ser grande, sê inteiro: nada
teu exagera ou exclui.
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és
no mínimo que fazes.
Assim em cada lago a lua toda
brilha, porque alta vive.

Ode de Ricardo Reis, Fernando Pessoa Poesias, Impressão 2011
Seleção Sueli Barros Cassal – www.estantevirtual.com.br

1. Preencher até três haicus, (veja quigos ao lado, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio e/ou e-mail com nome, endereço e CEP do remetente, até o dia 30 do respectivo mês.

2. Posteriormente o haicuísta receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.

SELEÇÕES MENS AIS FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

Até o dia 30.09.13, enviar até 3 haicus de quigos: Enchente, Rio de verão, Taturana.
Até o dia 30.10.13, enviar até 3 haicus de quigos: Dia do Zelador, Nenúfar, Pintado.

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez
Rua Des. do Vale 914, Ap 82
05010-040 – São Paulo, SP

ou mfmendez@superig.com.br



QUIDAIAS (TEMAS)

Chuva de inverno
cai ao longo do dia
alegra a natureza. 46
Gabriela Socki

Olho da janela
a lua no alto do céu
noite de inverno.
Kely Vanessa Koty

Na beira da estrada
o pedestre para e apanha
a ameixa amarela.
Luiza Nelma Fillus

No velho casarão
florida das azáleias
por todo o jardim.
Mª Lusimar Janik Moreira de Oliveira

Janela do quarto
o solzinho de inverno
faço a lição.
Marylia Gabriela Ortis da Fonseca

Brilham com o sol
flores de acácia-mimoso
no pátio da escola.
Paula Suellem Cordel

Em frente à casa
um ramalhe gigante
azaleia em flor.
Sílvia Svereda

Grêmio de Haicai Chão dos Pinheirais, 1ª Antologia de Haicai, Irati/PR, 2010: dmiskalo@hotmail.com – Gentileza de Marilena Budel

HAICUS BRASILEI ROS EM FOLHA

Vai soprando o vento
e o cata-vento girando
crianças atentas. E
Alba Christina

Mais leve que o ar,
bolha de sabão procura
a mão da menina.
Amália Marie Gerda

Bolhas de sabão!
Tão lindas, nascem num sopro!
Frágeis, somem no ar...
Amália Marie Gerda

Dia da Imprensa
notícias se multiplicam
aos olhos do idoso. E
Elizabeth Krinski Beraldo

Volteia no espaço
com o vento favorável.
Pandorga. E
Flávio Ferreira

Menino recorta
cartolina.
Cata-vento. M
Manoel F. Menendez

Flocos perfumados
revestem troncos e galhos.
Vêm jabuticabas.
Renata Paccola

Fregueses na banca
esperando por notícias
é Dia da Imprensa. M
Amália Christina

Do alto da favela,
a criança, encantada,
empina a pandorga. E
Amália Marie Gerda

Na mão do menino
que vai correndo na praia,
gira o cata-vento. A
Angelica Villela Santos

Ao entardecer
longe da rede elétrica
balança pandorga. M
Elizabeth Krinski Beraldo

Ganhou do pai,
no parque de diversões.
Cata-vento. M
Flávio Ferreira

Cata-ventos juntos
na mesa do vendedor
encantam criança. M
Renata Paccola

Natureza. Paz.
Entre o finito e o infinito
flutua a pandorga. E
Roberto Resende Vilela

Quando vem o outono
festa colorida no céu
pandorgas ao vento. M
Alba Christina

Jornais e panfletos
circulam entre os festejos
do Dia da Imprensa. E
Amália Marie Gerda

Ao sopro da brisa,
a pandorga vai subindo,
dançando no céu. B
Angelica Villela Santos

De frente a casa
o guri triste, sorri
com o cata-vento. M
Elizabeth Krinski Beraldo

Vendedor
rodeado de crianças.
Cata-ventos. B
Manoel F. Menendez

No dia da Imprensa,
reportagem na TV
sobre o jornalismo. M
Renata Paccola

Movimentação
da mídia internacional.
Dia da Imprensa. M
Roberto Resende Vilela

Na beira do lago
pontinhos pretos e doces
vem jabuticaba.
Alba Christina

Roda o cata-vento –
gira entre risos e sonhos,
em veloz corrida... M
Amália Marie Gerda

Fotos nos jornais
de jornalistas famosos.
É Dia da Imprensa. E
Angelica Villela Santos

Viva a liberdade
de pensamento e expressão!
Dia da Imprensa. B
Flávio Ferreira

Menino extasiado,
a pandorga atingiu
altura do telhado. E
Manoel F. Menendez

Dono de jornal
faz festa na redação
no Dia da Imprensa. M
Renata Paccola

Pelo ar, hosanas!
Junto ao brinco na mangueira...
canta o sabiá.
Roberto Resende Vilela

U M G A T O I N D I S C R E T O

Saki (Hector Hugh Munro), Um gato indiscreto e outros contos, trad. Francisco Araujo da Costa, 2009, Editora Hedra Ltda.: www.hedra.com.br

Era uma tarde fria e chuvosa de fim de agosto, aquela estação indefinida quando as perdas ainda estão em segurança, ou refrigeradas, e não há nada para caçar – a menos que sua fronteira ao norte seja o Canal de Bristol, onde se pode galopar legalmente atrás de gordos veados vermelhos. O grupo de Lady Blemley não tinha o Canal de Bristol ao seu norte, então havia uma grande reunião de seus convidados ao redor da mesa de chá na tarde em questão. E, apesar da insignificância da estação e da trivialidade da ocasião, entre a companhia não havia traços

daquela agitação cansada que significa um medo da pianola e um desejo contido por uma partida de *auction bridge*. A atenção óbvia e boquiaberta de todo o grupo estava fixada sobre a simples personalidade negativa de Mr. Cornelius Appin. De todos os convidados, ele era o que viera a Lady Blemley com a reputação mais vaga. Alguém havia dito que era “esperto”, e fora convidado com a expectativa moderada, por parte da anfitriã, de que pelo menos parte de sua esperteza contribuiria para o entretenimento geral. Até a hora do chá daquele dia, ela fora

incapaz de descobrir onde estava a sua esperteza, se é que estava em algum lugar. Não era sagaz ou campeão de croquet, não tinha força hipnótica nem era promotor de teatro amador. Seu exterior também não sugeria o tipo de homem a quem as mulheres se dispõem a perdoar uma generosa dose de deficiência mental. Ele tinha se reduzido a mero Mr. Appin e o Cornelius parecia um transparente blefe batismal. E agora dizia estar lançando ao mundo uma descoberta que transformava a invenção da pólvora, da imprensa e do motor a vapor em

ninharias indignas de consideração. A ciência dera passo desnorteantes em muitas direções durante as últimas décadas, mas essa coisa parecia pertencer ao domínio do milagre, não da conquista científica.

“E o senhor realmente quer que acreditemos”, dizia Sir Wilfrid, “que descobriu um meio de instruir os animais na arte da fala humana, e que o nosso caro Tobermory se mostrou seu primeiro pupilo de sucesso?”

“Trabalhei nesse problema durante os últimos dezesseis anos”, disse Mr. Appin, “mas foi

apenas nos últimos oito ou nove meses que fui recompensado com vislumbres de sucesso.”

“Trabalhei nesse problema durante os últimos dezessete anos”, disse Mr. Appin, “mas foi apenas nos últimos oito ou nove meses que fui recompensado em vislumbres de sucesso. É claro que experimentei com milhares de animais, mas ultimamente apenas com gatos, essas criaturas incríveis que se assimilaram tão maravilhosamente à nossa civilização, mantendo ao mesmo tempo seus instintos ferais altamente desenvolvidos. Aqui e ali, entre os gatos, encontra-se um intelecto superior que se destaca, assim como entre a malta de seres humanos, e quando fui apresentado a Tobermory na semana passada, vi imediatamente que estava em contato com um ‘Super-Gato’ de inteligência extraordinária. Cheguei muito perto do sucesso em experiências recentes; com Tobermory, como o chamam, atingi meus objetivos”.

Mr. Appin terminou sua notável afirmação em uma voz que tentou despir de inflexões triunfantes. Ninguém disse “ratos”, apesar dos lábios de Clovis terem se movido em uma contorção dissilábica que provavelmente invocava aqueles roedores da descrença.

“Está dizendo”, perguntou Miss Resker após uma pequena pausa, “que ensinou Tobermory a dizer e compreender frases simples de uma sílaba?”

“Minha cara Miss Resker”, disse pacientemente o milagreiro, “assim, aos poucos, ensinam-se as criancinhas, selvagens e adultos atrasados; quando se resolve o problema de como começar com um animal de inteligência altamente desenvolvida, tais métodos hesitantes são desnecessários. Tobermory fala nossa língua com perfeita correção”.

Dessa vez Clovis disse distintamente “Super-Ratos!” Sir Wilfrid foi mais bem-educado, mas igualmente cético.

“Não seria melhor trazer o gato aqui e decidir por nós mesmos?”, sugeriu Laddy Blemley.

Sir Wilfrid saiu em busca do animal, e a companhia se acomodou na expectativa lânguida de assistir alguma ventriloquia de salão mais ou menos bem feita.

Em um minuto, Sir Wilfrid estava de volta à sala, o rosto branco sob seu bronzeado e os olhos dilatados de entusiasmo.

“Por Deus, é verdade!”

Sua agitação era inegavelmente genuína, e seus ouvidos se aproximaram em uma comoção de interesse recém-desperto.

Caíndo na cadeira, ele continuou sem fôlego: “Eu o encontrei cochilando na sala de fumar e o chamei para vir tomar seu chá. Ele piscou para mim do seu jeito de sempre e eu disse ‘Vamos lá, Toby; não nos deixe esperando’. E, por Deus!, ele disse, com uma voz arrastada e horrivelmente natural, que viria quando bem entendesse! Quase cai duro!”

Appin havia pregado para ouvintes absolutamente incrédulos; a afirmação de Sir Wilfrid trazia convicção instantânea. Um coro babélico de exclamações assustadas começou, e no meio do qual o cientista sentava-se, mudo, aproveitando o primeiro fruto de sua estupenda descoberta.

No auge do clamor, Tobermory entrou na sala e caminhou com passo de veludo e despreocupação estudada através do grupo sentado ao redor da mesa de chá.

Um súbito silêncio de estranheza e constrangimento recaiu sobre a companhia. De algum modo, parecia haver um elemento de vergonha em falar de igual para igual com um gato doméstico de reconhecidas faculdades dentárias.

“Aceita um pouco de leite, Tobermory?”, perguntou Lady Blemley, em uma voz um tanto forçada.

“Pode ser”, foi a resposta, em um tom de calma indiferença. Um arripio de comoção suprimida atravessou os ouvintes, e Lady Blemley podia ser desculpada por tremer ao servir o pires de leite. “Temo ter derramado bastante,” disse ela,

apologética.

“Final, não é o meu tapete Axminster”, foi a resposta de Tobermory.

Outro silêncio recaiu sobre o grupo, e então Miss Resker, com seus melhores modos de assistente paroquial, perguntou se a língua humana fora difícil de aprender. Tobermory olhou diretamente para ela por um momento, e então fixou seu olhar serenamente sobre o nada. Era óbvio que tais questões tediosas estavam fora de seu projeto de vida.

“O que você acha da inteligência humana?”, perguntou Mavis Pellington, hesitante.

“A inteligência de quem, especificamente?” perguntou Tobermory com frieza.

“Oh, bem, a minha por exemplo”, disse Mavis, com uma risadinha fraca.

“Você me coloca numa posição embaraçosa”, disse Tobermory, cujo tom e atitude certamente não sugeriam uma gota de embaraço. “Quando sua inclusão neste grupo foi sugerida, Sir Wilfrid protestou que você era a mulher mais acéfala que conhecia e que havia uma grande diferença entre hospitalidade e cuidado de deficientes mentais. Lady Blemley respondeu que sua falta de capacidade cerebral era exatamente a qualidade que a recomendava, já que você era a única pessoa que ela imaginava poder ser idiota o suficiente para comprar seu carro velho. Você sabe, aquele que eles chamam de ‘A Inveja de Sísifo’, porque sobe ladeiras tão bem quando é empurrado”.

Os protestos de Lady Blemley teriam tido mais efeito se, naquela mesma manhã, não tivesse surgido casualmente a Mavis que o carro em questão seria ideal para sua casa de Devonshire.

O Major Barfield mergulhou com força para provocar uma distração.

“Que tal suas brincadeiras com a gatinha malhada nos estábulos, hein?”

No instante em que disse isso, todos perceberam a gafe.

“Geralmente não se discutem estes assuntos em público”, disse Tobermory friidamente. “Das minhas leves observações de seus modos desde que veio para esta casa, imagino que acharia inconveniente se eu desviasse a conversa para os seus próprios casos”.

O pânico que se seguiu não foi confinado ao major.

“Não quer ir ver se o cozinheiro já aprontou seu jantar?”, sugeriu Lady Blemley apressadamente, fingindo ignorar o fato de que ainda faltava pelo menos duas horas para o jantar de Tobermory.

“Obrigado”, disse Tobermory, “não tão cedo depois do meu chá. Não quero morrer de indigestão”.

“Gatos têm nove vidas, você sabe”, disse Sir Wilfrid, cordialmente.

“É possível”, respondeu Tobermory. “Mas só têm um fígado”.

“Adelaide”, disse Mrs. Cornett. “Está querendo encorajar o gato a sair e a fofocar sobre nós entre os criados?”

O pânico se tornara decididamente geral. Uma estreita balastrada ornamental corria diante da maioria das janelas dos quartos na mansão das Torres, e todos lembravam agora com desânimo que esta formava o passeio favorito de Tobermory a qualquer hora, pois assim podia vigiar os pombos – e Deus sabe o que mais. Se resolvesse ficar reminiscente em sua atual forma falante, o efeito seria algo pior do que desconcertante. Mrs. Cornett, que passava muito tempo em sua toalette, e cuja tez dizia-se ser de uma disposição nômade, ainda que pontual, parecia tão doente quanto o major. Ms. Scrawen, que escrevia poesia ferozmente sensual e levava uma vida inatácvel, apenas demonstrou irritação; quando se é metódico e virtuoso na vida privada, não se quer necessariamente que todo mundo saiba disso. Bertie van Tahn, que fora tão depravado aos dezessete anos que há muito desistira de tentar ser pior, ficou de uma matiz opaca de branco-gardênia, mas não cometeu o erro de correr da sala como Odo Finsberry, um jovem cavalheiro

que sabiam estar estudando para a vida eclesástica e que estava possivelmente perturbado pela ideia dos escândalos que poderia ouvir sobre outras pessoas. Clovis teve a presença de espírito de manter um exterior composto; por dentro, calculava quanto tempo levaria para conseguir uma caixa de camundongos de primeira pelos classificados de *Exchange and Mart* como uma espécie de suborno.

Mesmo em uma situação delicada como a atual, Agnes Resker não podia suportar ficar por muito tempo em segundo plano.

“Por que foi que vim para cá?”, perguntou dramaticamente.

Tobermory imediatamente aceitou a deixa.

“A julgar pelo que disse a Mrs. Cornett no gramado de croqué ontem, você queria comida. Você descreveu os Blemleys como os anfitriões mais chatos que conhecia, mas disse que eram espertos o suficiente para empregar um cozinheiro de primeira linha; se não fosse por isso, teriam dificuldade em convencer qualquer um a vir uma segunda vez.”

“Não há uma palavra de verdade nisso! Eu apelo a Mrs. Cornett...”, exclamou Agnes desconcertada.

“Mrs. Cornett repetiu sua observação a Bertie van Tahn mais tarde”, continuou Tobermory, “e disse ‘Aquela mulher parece uma miserável. Ela iria a qualquer lugar por quatro refeições ao dia’, e Bertie van Tahn disse...”

Nesse ponto a crônica piedosamente cessou. Tobermory enxergou o grande gato amarelo do pastor passando pelos arbustos em direção aos estábulos e sumiu como um raio pela veneziana aberta.

Com o desaparecimento de seu pupilo excessivamente brilhante, Cornelius Appin se descobriu atacado por um furacão de censuras amargas, perguntas ansiosas e súplicas assustadas. A responsabilidade pela situação era sua, e era ele que devia impedir que o caso piorasse. Tobermory poderia passar seu perigoso dom para outros gatos?, foi a primeira pergunta que precisou responder. Era possível, respondeu, que pudesse já ter ensinado a nova habilidade à sua amiga íntima, a gata do estábulo, mas era improvável que tais lições já tivessem ido longe.

“Então”, disse Mrs. Cornett, “Tobermory pode ser um gato valioso e um ótimo bicho de estimação, mas tenho certeza que concorda, Adelaide, que devemos nos livrar dele e da gata do estábulo o quanto antes”.

“Não acha que gostei do último quarto de hora, acha?”, disse Lady Blemley com amargura. “Meu marido e eu gostamos muito de Tobermory – ao menos, gostávamos antes dessa horrível habilidade ser introduzida nele; mas agora, é claro, a única coisa a fazer é sacrificá-lo assim que possível”.

“Podemos pôr um pouco de estricnina nos restos que sempre ganha no jantar”, disse Sir Wilfrid, “e eu mesmo saírei e afogarei a gata do estábulo. O cocheiro vai ficar muito chateado em perder seu bicho, mas direi que os gatos pegaram um tipo contagioso de ronha e que estamos com medo que se espalhe para os canis”.

“Mas minha grande descoberta!”, postulou Mr. Appin. “Depois de todos os meus anos de pesquisa e experimentos...”

“O senhor pode sair e experimentar nas vacas Shorthorn da fazenda, que estão sob o controle apropriado”, disse Mrs. Cornett, “ou nos elefantes do Jardim Zoológico. Dizem que são muito inteligentes, e têm isto a recomendá-los: não se esqueiram nos nossos quartos e embaixo de nossas cadeiras e assim por diante”.

Um arcanjo extático proclamando o Milênio, e que então descobrisse que tal data cairia imperdoavelmente no mesmo dia da Regata Real de Henley, devendo portanto ser adiado indefinidamente, dificilmente se sentiria mais desconcertado que Cornelius Appin com a

recepção de sua maravilhosa realização. A opinião pública, no entanto, estava contra ele – na verdade, se a voz geral tivesse sido consultada sobre o assunto, é provável que um forte voto minoritário tivesse sido a favor de incluí-lo na dieta de estricnina.

Problemas com horários de trens e um desejo nervoso de terminar o caso impediram a dispersão imediata do grupo, mas o jantar daquela noite não foi um sucesso social. Sir Wilfrid teve momentos difíceis com a gata do estábulo, e depois com o cocheiro. Agnes Resker limitou seu repasto ostensivamente a um bocado de torrada seca, que mordeu como se fosse um inimigo pessoal. Mavis Pellington manteve um silêncio vingativo por toda refeição. Lady Blemley manteve o fluxo do que imaginava ser uma conversa, mas sua atenção estava fixa na porta. Um prato de restos de peixe cuidadosamente dosados estava pronto sobre o aparador, mas doces e petiscos e sobremesa passaram e nada de Tobermory aparecer na sala de jantar ou na cozinha.

O jantar sepulcral foi alegre em comparação com a vigília subsequente na sala de fumar. Comer e beber, pelo menos, distraía e disfarçava o embaraço geral. *Bridge* estava fora de questão na tensão geral de nervos e ânimos, e após Odo Finsberry dar sua interpretação lúgubre de “Melisande in the Wood” a uma plateia fria, a música foi evitada tacitamente.

Às onze, os criados foram para a cama, anunciando que a janelinha da despensa ficara aberta como sempre para o uso pessoal de Tobermory. Os convidados leram firmemente a leva atual de revistas até caírem gradualmente na *Badminton Library* e nos volumes encadernados de *Punch*. Lady Blemley fez visitas periódicas à despensa, voltando todas as vezes com uma expressão de depressão apática que prevenia perguntas.

Às duas horas, Clovis quebrou o silêncio dominante. “Ele não vai voltar esta noite. Provavelmente está no escritório do jornal local agora mesmo, ditando a primeira parte de suas memórias. O livro de Lady Fulana não vai entrar. Será o evento do dia.”

Tendo dado sua contribuição à alegria geral, Clovis foi para a cama. Após longos intervalos, diversos membros do grupo seguiram seu exemplo.

Os criados levando o chá matinal aos quartos fizeram um anúncio uniforme em resposta à questão uniforme. Tobermory não voltara.

O café da manhã foi, se possível, uma função ainda mais desagradável do que fora o jantar. Porém, antes de sua conclusão, a situação aliviou-se. O cadáver de Tobermory foi trazido dos arbustos, onde o jardineiro acabara de descobri-lo. Pelas mordidas no pescoço e pelo amarelo que cobria suas garras, era evidente que tinha caído num combate desigual com o gato do pastor.

Ao meio-dia, a maioria dos convidados havia partido das Torres, e após o almoço Lady Blemley recuperara suficientemente seu espírito para escrever ao pastor uma carta extremamente desagradável sobre a perda de seu valioso ser valioso animal de estimação.

Tobermory fora o único pupilo de sucesso de Appin, e estava destinado a não ter sucessor. Algumas semanas depois, um elefante no Jardim Zoológico de Dresden, que nunca mostrara sinais de irritabilidade antes, soltou-se e matou um inglês que parecia provocá-lo. O nome da vítima apareceu na reportagem de diversos jornais como Oppin e Eppelin, mas seu primeiro nome foi fielmente transcrito como Cornelius.

“Se estava tentando ensinar os verbos irregulares do alemão à pobre criatura”, disse Clovis, “foi bem feito para ele”.

Como era mulher e iria ter um emprego, bem que ela gostaria de escolher uma profissão em que pudesse se valer da beleza feminina. No entanto, ninguém havia lhe dito que era bonita. Assim, escolheu uma profissão em que o uso de maquiagem era proibido.

– Não, senhor. – Assustada, ela molhou o dedo com a saliva e esfregou as sobrancelhas.

– Então você raspa as sobrancelhas para modelar.

– Não, senhor. Elas são assim mesmo – replicou, quase chorando.

– Humm! De qualquer maneira, a dona de sobrancelhas tão bonitas não precisa de um emprego como este para ganhar a vida.

O supervisor encontrara nas sobrancelhas o pretexto para demiti-la. Pela primeira vez, ela teve a clara consciência da beleza de suas sobrancelhas. Tãmanha foi a felicidade que sentiu com a descoberta que esqueceu a tristeza de perder o emprego. Agora sabia que também tinha algo de belo. E ganhou autoconfiança para casar.

Seu marido não lhe disse que suas sobrancelhas eram bonitas. Disse que eram belos os seus seios. Disse que eram belas suas costas, os joelhos. E mais, e mais... Ela aprendeu com o marido que havia tantas belezas diferentes em seu corpo que ficou inebriada, entorpecida de felicidade.

Entretanto, ao pensar no que aconteceria quando o marido esgotasse as buscas da beleza em seu corpo, ela sentiu saudades dos dias sossegados em que estava resignada, achando que não possuía beleza alguma.

Como era mulher e iria ter um emprego, bem que ela gostaria de escolher uma profissão em que pudesse se valer da beleza feminina. No entanto, ninguém havia lhe dito que era bonita. Assim, escolheu uma profissão em que o uso de maquiagem era proibido.

– Não, senhor. – Assustada, ela molhou o dedo com a saliva e esfregou as sobrancelhas.

– Então você raspa as sobrancelhas para modelar.

– Não, senhor. Elas são assim mesmo – replicou, quase chorando.

– Humm! De qualquer maneira, a dona de sobrancelhas tão bonitas não precisa de um emprego como este para ganhar a vida.

O supervisor encontrara nas sobrancelhas o pretexto para demiti-la. Pela primeira vez, ela teve a clara consciência da beleza de suas sobrancelhas. Tãmanha foi a felicidade que sentiu com a descoberta que esqueceu a tristeza de perder o emprego. Agora sabia que também tinha algo de belo. E ganhou autoconfiança para casar.

Seu marido não lhe disse que suas sobrancelhas eram bonitas. Disse que eram belos os seus seios. Disse que eram belas suas costas, os joelhos. E mais, e mais... Ela aprendeu com o marido que havia tantas belezas diferentes em seu corpo que ficou inebriada, entorpecida de felicidade.

Entretanto, ao pensar no que aconteceria quando o marido esgotasse as buscas da beleza em seu corpo, ela sentiu saudades dos dias sossegados em que estava resignada, achando que não possuía beleza alguma.